

Pablo Felipe Bittencourt¹

É com grande satisfação que apresento o número 2020.2 da Revista Textos de Economia. É uma edição especial, por contar com um dossiê com 6 artigos relacionados à obra de Celso Furtado, além de 6 outros artigos originais.

Com os 6 artigos do Dossiê, a Revista presta sua homenagem ao centenário de nascimento de Celso Furtado, um dos pouquíssimos pensadores econômicos brasileiros capazes de delinear um pensamento original acerca das características estruturais dos processos econômicos e sociais a que ainda hoje encontra-se submetido o Brasil.

Além dos 6 artigos apresentados abaixo, convidamos os leitores a apreciar na sequência, entrevista concedida pela viúva de Celso Furtado à Revista.

No primeiro texto, o Prof. Fábio Pádua oferece um apoio à compreensão e valorização do clássico Formação Econômica do Brasil, ao destacar as contribuições originais de Celso Furtado nas dimensões da (i) historiografia, com a caracterização do subdesenvolvimento como um fenômeno particular da civilização industrial, (ii) das ciências econômicas, com a proposição de uma teoria do subdesenvolvimento e (iii) no domínio das interpretações do Brasil, com o padrão de crescimento econômico excludente combinado a questão regional para a integração nacional. Adicionalmente, o texto mostra que o FEB sofreu diversas críticas marginais, sem nunca perder a força de seu argumento, o que explica seu caráter clássico. Conclui mostrando que esse núcleo se manteve como a base para as obras de Furtado que se seguiram.

No Segundo artigo, o Prof. Hoyedo Nunes Lins, lembra que um dos objetos mais importantes do pensamento e ação de Celso Furtado foram as mazelas sociais nordestinas. A dualidade econômica ficava evidente para Furtado, à medida que se intensificava o contraste social da região com a parcela da sociedade que se modernizava. Não seria possível superar essa debilidade partindo-se das referências analíticas tradicionais, o que explica a motivação furtadiana à realização de proposições criativas de políticas. O texto ainda chama atenção para atualidade da lupa furtadiana à observação e reflexão sobre a

¹ Professor Associado I do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina. Email de contato: pablofelipe.bittencourt@gmail.com

região nordeste, ainda carente de proposições capazes de diminuir as disparidades rural-urbana, apesar dos avanços especialmente pós anos 2000.

O terceiro texto, do Prof. Marcos Valente é uma reflexão sobre elementos essenciais da democratização e o planejamento como fontes do caminho da transformação almejado e executado por Furtado. O texto mostra como Furtado se defrontou com tensões sociais (fontes da democratização) que se transformaram em obstáculos políticos intransponíveis para o sucesso de suas estratégias de mudança através da política econômica. Com um olho no esforço do Plano Trienal, a argumentação sustenta que o conceito de subdesenvolvimento de Furtado, ao ampliar seu alcance à fenômenos sociais e políticas, é capaz de explicar que obstáculos à superação das condições do atraso econômico e social não residiram no Planejamento, mas em características institucionais e sociais da estrutura de dominação da sociedade brasileira.

O quarto artigo, assinado pelo Prof. Sílvio Cário, em co-autoria com Lucas Correa e Maria Luísa Lacerda Albertão é complementar ao terceiro ao enfatizar que problemas econômicos estruturais e decisões políticas impossibilitaram a construção de um desenvolvimento capitalista mais autônomo, tal como almejado por Furtado. A contribuição é também um convite à reflexão sobre a relevância do método histórico-estruturalista cepalino na obra de Furtado, à medida que destaca pontos de convergência entre Celso Furtado e Fernando Fajnzylber acerca do progresso técnico, capital multinacional, desenvolvimento comparado, Estado e projeto nacional de desenvolvimento.

No quinto artigo, a Prof. Liana Bohn reflete à importância de Celso Furtado ao início da decolonização das Ciências Econômicas. Ao traçar a trajetória intelectual e política do mestre, reconhece o elevado valor do pensador e realizador que aliou conhecimento e prática para revelar-se um agente essencial do processo de transformação do país, em especial, ao Nordeste e no âmbito da cultura. Acredito que a citação final escolhida pela autora resume o entendimento de todos aqueles que experimentaram a sensação de gratidão pela dedicação de Furtado ao Brasil e reconhecem a atualidade de seu pensamento: “para os homens que se projetam pelo pensamento criador e têm a faculdade de influir sobre os acontecimentos pela força de suas ideias, não existem despedidas, porque eles sempre estarão presentes” (FURTADO, 2014, não paginado).

Fecha o dossiê, artigo assinado pelo Prof. Marcelo Arend e Andrey Ipiranga, que nos oferece uma visão de que a dependência cultural, elemento furtadiano central da incapacidade de superar o sub-desenvolvimento, pode ser entendida como uma espécie de hábito cognitivo histórico, constrangedor o desenvolvimento da criatividade tanto das

empresas como de outros atores nacionais, o que funcionaria como um limitador institucional da definição e execução de um projeto nacional desenvolvimentista, capaz de fazer superar as debilidades estruturais definidas na obra de Celso Furtado. Os autores apoiam-se nas noções evolucionárias (institucionalista e neoschumpeteriana) para deduzir que a dependência cultural institucionalizada como hábito cognitivo gera, por exemplo, “genes pouco criativos” entre as empresas, o que também pode ser derivado às demais instituições, potencialmente partícipes de uma estratégia de desenvolvimento mais agressiva.

ENTREVISTA com Rosa Freire d’Aguiar (jornalista, tradutora, editora)

1. (Prof. Marcelo Arend). Desde que Celso Furtado morreu, em 2004, você tem realizado um imenso trabalho editorial para que sua obra chegue às novas gerações. Você poderia nós contar um pouco desse seu trabalho nos últimos 16 anos?

Desde que Celso morreu, em 2004, tenho feito um trabalho editorial visando levar sua herança intelectual às novas gerações e facilitar a pesquisadores parte dos inéditos que compõem seu arquivo. Nesses dezesseis anos, preparei, editei e publiquei cerca de quinze livros de ou sobre Celso.¹

Fiz, primeiro, cinco edições definitivas de seus livros. Foi um trabalho de fixação de texto, em que recorri ao exemplar que Celso corrigira em vida e o cotejei, quando necessário, com os originais deixados em seus acervos. Fiz também, para cada uma dessas “definitivas”, as notas e apresentações que julguei necessárias. Paralelamente, fiz duas coletâneas. Uma, em 2009, comemorou os cinquenta anos de *Formação econômica*

¹ Edições definitivas: *Formação econômica do Brasil*, prefácio de Luiz Gonzaga Belluzzo, Companhia das Letras, São Paulo, 2007; *A economia latino-americana. Edição comemorativa 50 anos*, apres. de Rosa Freire d’Aguiar, prefácio de Luiz Felipe de Alencastro, Companhia das Letras, São Paulo, 2019; *Criatividade e dependência na civilização industrial*, prefácio de Alfredo Bosi, Companhia das Letras, São Paulo, 2008; *Obra Autobiográfica de Celso Furtado. A fantasia organizada, A fantasia desfeita, Os ares do mundo*, prefácio de Francisco Iglesias, Companhia das Letras, São Paulo, 2014; *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*, apresentação de Rosa Freire d’Aguiar, Contraponto/Centro Celso Furtado, Rio de Janeiro, 2009. Coletâneas: *Formação econômica do Brasil. Edição comemorativa 50 anos*, org. e apres. de Rosa Freire d’Aguiar, prefácio de Luiz Felipe de Alencastro, Companhia das Letras, São Paulo, 2009; *Essencial Celso Furtado*, org. e introd. de Rosa Freire d’Aguiar, prefácio de Carlos Brandão, Penguin/Companhia das Letras, São Paulo, 2012. Coleção Arquivos Celso Furtado, editados por Contraponto/Centro Celso Furtado, RJ, todos com org. e apres. de Rosa Freire d’Aguiar: *Ensaio sobre a Venezuela. Subdesenvolvimento com abundância de divisas* (2008); *Economia do desenvolvimento. Curso ministrado na PUC-SP em 1975* (2008); *O Nordeste e a Saga da Sudene 1958-1964* (2009); *O Plano Trienal e o Ministério do Planejamento* (2011); *Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura* (2012); *Anos de formação 1938-1948. O jornalismo, o serviço público, a guerra, o doutorado* (2014). Publicações do centenário: *Diários intermitentes de Celso Furtado. 1937-2002*, org., apres. e notas de Rosa Freire d’Aguiar, Companhia das Letras, São Paulo, 2019. *Correspondência intelectual de Celso Furtado*, org. e apres. Rosa Freire d’Aguiar, Companhia das Letras, São Paulo (no prelo).

do Brasil. Nela publiquei uma longa apresentação, um caderno de fotos, um aparato crítico com os prefácios das dez edições estrangeiras e resenhas de economistas e historiadores do Brasil e no exterior. A segunda coletânea veio em 2013: *Essencial Celso Furtado*. Aqui, interessou-me publicar trabalhos que salientassem outras facetas, a meu ver essenciais, do pensamento de Celso: o econômico, evidentemente, mas também seu pensamento político — sobre Nordeste, Brasil, federalismo, globalização, capitalismo —, suas ideias sobre cultura e ciência e, por fim, uma vertente de cunho autobiográfico. O *Essencial Celso Furtado* é o título mais adequado a quem deseja se iniciar no pensamento de Celso, tão abrangente quanto multidisciplinar.

Em 2008, quando dei um primeiro mergulho nos arquivos de Celso, achei que valia a pena divulgar alguns originais, cartas, anotações, entrevistas, fotos de certos momentos de sua trajetória que não tinham sido abordados, ou só superficialmente, em sua *Obra autobiográfica*. Assim nasceu a coleção "Arquivos Celso Furtado", coeditada pelo Centro Celso Furtado. Fiz seis livros para essa série, todos temáticos.² Cada um traz um artigo atual que situa a importância dos documentos, seu valor no tempo passado e sua atualidade no tempo presente. Para cada um, fiz uma longa apresentação, valendo-me em grande parte das infindáveis conversas que tivemos, Celso e eu, sobre seus arquivos. Publiquei nessa coleção algumas peças raras: todas as reportagens de Celso como jovem jornalista no Rio de Janeiro nos anos 40; seus rascunhos de textos produzidos na França no pós-guerra; sua correspondência de juventude; parte de seus diários de guerra.

Enfim, para o centenário de Celso preparei dois livros. O primeiro são os *Diários intermitentes de Celso Furtado. 1937-2002*, publicado no ano passado. Trata-se de anotações que ele deixou em cerca de cinquenta cadernos. Foram escritas em momentos marcantes de sua vida, como os anos passados à frente da Sudene, ou os da redemocratização, ou durante viagens pelo mundo, ou quando esboçava perfis de personalidades com quem cruzou. Por fim, fiz um volume com a *Correspondência intelectual de Celso Furtado*, que sairá em 2021. Nele, reuni um punhado de cartas em que há um diálogo intelectual de Celso com, entre outros, Antonio Callado, Antonio Candido, Thiago de Melo, Fernando Henrique Cardoso, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Helio Jaguaribe, Roberto Campos, Raúl Prebisch. Esses dois livros do centenário, com todo o material inédito, têm a meu ver o grande interesse de ser o testemunho de quem, como

² Cf. nota acima com toda a bibliografia citada neste artigo.

Celso, foi ora protagonista ora observador do Brasil e do mundo na segunda metade do século XX

2. (Prof. Pablo Bittencourt). Os 60 anos do livro “Formação Econômica do Brasil” em 2019 e o centenário do nascimento de Celso Furtado em 2020 a levaram a diversos eventos de comemoração, celebração e homenagens. Como esses momentos contribuíram para sua percepção sobre a importância de Celso Furtado para a formação intelectual dos economistas e demais cientistas sociais brasileiros e latino-americanos?

Creio que Celso teve uma dimensão internacional ainda pouco avaliada e estudada no Brasil. Em 1964 muitos foram os exilados que se estabeleceram na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina. Uma grande maioria era de políticos, desde João Goulart até Luiz Carlos Prestes e Miguel Arraes. Outra parcela eram estudantes e jovens professores que se sentiam ameaçados pelo regime militar, como o futuro historiador Luiz Felipe de Alencastro. Outros, ainda, foram para o exterior, mas voltaram cedo, em pleno governo militar, como Darcy Ribeiro, Waldir Pires. Outros mais, infelizmente faleceram no exterior, como Josué de Castro. Celso tinha a característica de unir o homem de ação — até meses antes do exílio ele exercia o cargo de ministro do Planejamento e de superintendente de uma instância de poder regional, a Sudene — e homem de reflexão. Poucos tinham essa marca. Além disso, Paris nos anos 1960 e 70 era uma capital do mundo intelectual, era uma caixa de ressonância em que pessoas e assuntos ligados à América Latina estavam muito presentes. Houve também o fato de que ele foi professor da Sorbonne por vinte anos, onde teve centenas de alunos do então chamado Terceiro Mundo. Lendo alguns fichários de Celso de seus anos de professor, vi que entre seus alunos figuravam, por exemplo, o ex-presidente do Irã, Bani Sadr, o ex-presidente do Peru, Alan García, futuros ministros da Grécia, da África do Norte. Também em Paris, Celso pôde editar seus livros pelas grandes editoras francesas e europeias em geral. Tudo isso lhe deu muita visibilidade. Lendo suas cartas, caí em convites para, por exemplo, encontros nos Estados Unidos em que falariam Erich Fromm, Theodor Adorno e Celso Furtado; outro, em que entre os palestrantes estavam Celso e Martin Luther King. Sobre sua influência especificamente no campo docente, eu lembraria o que diz o economista francês Pierre Salama, que foi assistente de Celso e costuma dizer que antes de Celso o estudo do desenvolvimento, na faculdade francesa, era ministrado por professores que tinham uma visão “colonial” dessa problemática, até porque haviam trabalhado nos países africanos ainda colônias da Europa. Por exemplo, para eles era impensável imaginar a industrialização como parte do

desenvolvimento. Simplesmente porque na África de então não havia industrialização. Ora, Celso chega com a visão da Cepal, muito mais “moderna”, mas desconhecida na França. E que, graças a ele, penetrou junto às centenas de estudantes que ele teve.

3. (Prof.Pablo Bittencourt). O sentimento de brasilidade, de nacionalismo, sempre guiou o intelectual Celso Furtado. Quais momentos da história Celso Furtado reconheceu as maiores vitórias e derrotas da nação nesse sentido? Como ele as expressava?

É difícil saber o que ele considerava vitória ou derrota nos anos e séculos passados. Mas, mais próximo do presente, convém dizer que ele não costumava raciocinar nesses termos. Em alguns livros, como no próprio *Formação econômica do Brasil*, ele menciona a “chance” que o país perdeu de não ter se industrializado muito antes, de os planos de Mauá, por exemplo, não terem ido muito longe. Mas ele via esses momentos com o olhar do economista que também tinha o enfoque do historiador. Explicava, tentava entender, refletia, mas sem considerar vitórias ou derrotas. Ainda assim, sem a menor dúvida o momento da Assembleia Nacional Constituinte, entre 1986 e 1988, que acompanhamos de perto por estarmos morando em Brasília, foi um desses em que ele se entusiasmou. Para quem vinha de quase vinte anos de exílio, aqueles meses foram, como ele dizia, de “mudança de pele”: o país tirava a roupagem autoritária e reencontrava a democracia. E essa mudança seria selada pela nova Constituição — cuja promulgação foi um momento de grande alegria. Ele também sempre considerou muito positivo o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. No final dos anos 90, quando o MST ganhou o prêmio Balduino dos Direitos Humanos, Celso deu uma declaração afirmando que o MST era o mais importante movimento social já ocorrido no Brasil, no século XX. Então lhe perguntaram: por que nesse século? E ele respondeu: porque no século XIX houve a Abolição da Escravatura. Ou seja, colocou no mesmo nível a luta do MST e a dos escravos. Sem dúvida esse movimento da sociedade civil, organizado espontaneamente, preocupado com a educação e a agricultura familiar, e alcançando todo o Brasil, lhe soava como uma vitória. Quanto às derrotas, ele fala bastante, nos *Diários intermitentes*, da que representou, para sua geração, o golpe militar de 1964.

4. (Prof.Marcelo Arend). Celso Furtado foi um intelectual do século XX, sendo reconhecido mundialmente entre seus pares como um dos principais pensadores e teóricos do subdesenvolvimento, sempre preocupado com a superação do atraso do Brasil e da América Latina. Para você a condição do subdesenvolvimento é uma problemática ultrapassada? Qual sua mensagem para os jovens pesquisadores do século XXI a respeito da obra de Celso Furtado?

Eu não sou economista, embora tenha vivido muitos anos ao lado de um dos maiores. Mas a meu ver há pelo menos dois temas que, na vasta obra de Celso, mantêm a atualidade. Um deles é justamente a especificidade do subdesenvolvimento, de que ele tratou por mais de sessenta anos. O segundo tema, por ele tão estudado, são as consequências para os países periféricos do desmantelamento de certos mecanismos dos Estados nacionais em decorrência da globalização. Começando por esse segundo tema, convém lembrar que desde meados dos anos 1970 os textos de Celso já alertavam para os problemas que a nova configuração global poderia criar nos países em desenvolvimento. Tais como a agravação da concentração da renda, tanto nos desenvolvidos como nos subdesenvolvidos; o aumento do desemprego; as novas tecnologias, que poderiam agravar a exclusão social. O que se viu desde então comprova a atualidade dessas percepções. Embora com roupagens apenas distintas, esses corolários da especificidade do subdesenvolvimento estão ainda presentes, tanto no Brasil como em outras regiões do que Celso chamara, meio século antes, de “periferia”.

O que eu diria aos jovens pesquisadores é que a leitura de Celso Furtado é incontornável para quem se dedica não só à economia, como às relações internacionais, à ciência política, aos estudos sobre cultura, e até mesmo ao direito. Em todas essas áreas do conhecimento há reflexões e enfoques fantásticos — e tão atuais! — na obra de Celso. O romancista Italo Calvino listou em seu livro *Por que ler os clássicos* várias razões que a seu ver permitem a inclusão de um livro nessa categoria. Uma delas diz que “Os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos”. Penso que essa ideia se aplica a quase toda a obra de Celso. Recomendo, então, que leiam Celso Furtado. É uma leitura agradável, instigante, de quem escreve muito bem, com clareza, inteligência, olhar abrangente.

Boas leituras!